

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Braziliense Class.: Uru-eu-uau-uau

Data: 18/08/92 Pg.: 16

Madeiras tiram mogno da área uru-eu-uau-uau

Antonio Gomes
Da Sucursal

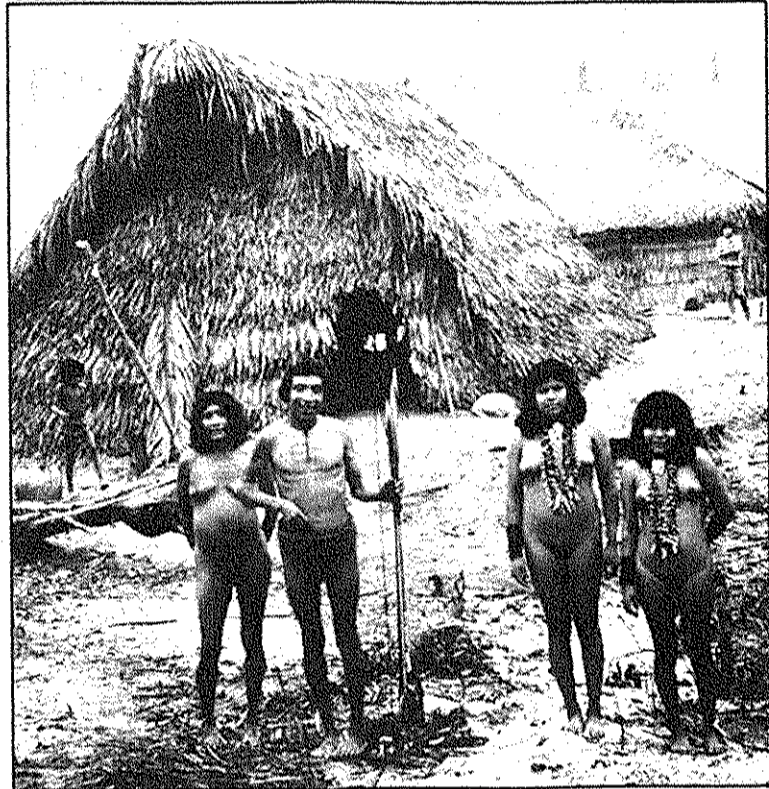
Goiânia — Grandes, médias e pequenas madeireiras, algumas delas subsidiárias de grupos estrangeiros, estão destruindo impunemente as reservas de mogno e cerejeira dos índios uru-eu-uau-uau, na região central de Rondônia. Cerca de 500 mil metros cúbicos dessas madeiras nobres foram cortados nos últimos anos e se esse ritmo persistir dentro de no máximo sete anos não haverá mais árvores desse tipo nas áreas indígenas e no próprio estado. A denúncia foi feita nesta capital pelo coordenador da área uru-eu-uau-uau, Rogério Vargas Mota, 30 anos, durante visita ao professor Jesco von Puttkamer, do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia.

O indigenista queixa-se do sucateamento imposto à Funai, progressivamente, desde 1968, o que impede o órgão de atuar no combate às invasões e depredações nas áreas dos índios. Assinala também que outros órgãos federais, como o Ibama e a Fundação Nacional de Saúde, têm carência de verbas e por isso mesmo estão impedidos de trabalhar segundo as necessidades.

Em todo o Estado de Rondônia, que tem 40 comunidades indígenas contactadas, a Funai tem apenas 15 servidores e dentre estes apenas um é atendente de saúde. Por isso mesmo os índios como os uau-uau estão morrendo de tuberculose, malária e outras doenças infecto-contagiosas. Das quatro aldeias uru-eu-uau-uau só uma recebe assistência de um servidor de saúde. A população, em torno de 120 pessoas, não cresce há anos e deveria estar hoje pelo menos 30 por cento maior.

O grupo Bauá, no Alto Jamari, tem como criança mais nova uma menina de nove anos. As 10 crianças nascidas no grupo morreram precocemente. O quadro de agressões aos índios configura-se, segundo Rogério Mota, como um escândalo nacional de grandes proporções. Além de furtarem a madeira e minerais nas áreas dos índios, madeireiros e garimpeiros, que nas décadas de 60 e 70 dizimaram aldeias inteiras em expedições armadas e sangrentas, hoje conseguem estragos semelhantes seduzindo os mais jovens com gravadores, camisas e até motocicletas. "Eles trocam um gravador por três caminhões de madeira. Iludem os índios mais novos, já que os mais velhos não falam e não entendem o português, forçando-os como lideranças. E depois de conseguirem a madeira que querem deixam os índios com tuberculose, viciados em bebidas alcoólicas e com seus costumes totalmente degenerados", afirma o sertanista.

FOTO: JESCO VON PUTTKAMER



A população uru-eu-uau-uau doente, não cresce há anos

Fiscalização é deficiente

O coordenador da área uru-eu-uau-uau, Rogério Vargas Mota, conta que apesar de todas as denúncias, num dos raros casos em que a Funai conseguiu autuar uma madeireira, a Três S, de Alvorada do Oeste, foram apreendidos equipamentos, dois caminhões e seus carregamentos. Mas essa madeireira vinha tirando madeira da área, a Jurei, de índios ainda sem contato direto com os brancos, há quase dois anos.

No rio Cautário, os vira paraquara, outro grupo uru-eu-uau-uau também sem contato direto, correm o risco de extermínio por confronto com madeireiros e garimpeiros que invadiram a área. Fato seme-

lhante ocorre com os pacas novas.

Rogério Vargas diz que alguma ação em favor dos índios ainda ocorre por dedicação de servidores. Felizmente, diz ele, boa parcela age com abnegação e amor à causa dos índios, mesmo à míngua de recursos. Diz que esses indigenistas não são contrários à exploração nacional das reservas madeireiras, mas exigem que elas beneficiem, em primeiro lugar, os índios que são seus proprietários e os habitantes das áreas amazônicas. Lamentou que na Rio-92 as questões da ecologia urbana tenham suplantado o debate sobre a destruição das florestas. É de opinião de que os países ricos têm de pagar pela manutenção da Amazônia como reserva florestal, já que ficaram ricos depredando as reservas em seus territórios.

Ambição — As matas que possibilitam a sobrevivência dos uru-eu-uau-uau, ricas em caça, pesca, madeiras e minérios, acabam se transformando em perdição pois despertam a cobiça dos madeireiros e garimpeiros. Rogério Vargas Mota diz que Rondônia tem cerca de 800 madeireiras atuando e que não há mais madeira nas terras distribuídas ou vendidas a colonos e fazendeiros. Recentemente o deputado estadual pelo PT e madeireiro Nério Bianchini admitiu, de público, que 90 por cento do mogno e 50 da cerejeira que são serrados ou exportados de Rondônia provêm de áreas indígenas.

"Os índios nada ganham com

essa devastação. Apenas perdem e acabam perdendo a saúde e a própria vida. Os recentes episódios em que alguns uru-eu-uau-uau, revoltados com a ação de madeireiros, mataram um deles e deixaram dois outros gravemente feridos, são fatos isolados. No mais das vezes os invasores é que os matam".

Mesmo frisando que não se trata de responsabilidade da atual direção do órgão, Rogério Vargas lamenta que a Funai hoje esteja recebendo apenas 30 por cento do orçamento aprovado pelo Congresso. Várias de suas funções foram transferidas para o Ibama, Fundação Nacional de Saúde e outros órgãos.